



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB  
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”  
CAMPUS III – GUARABIRA – PB  
DEPARTAMENTO DE GEO – HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

HISTÓRIA E IDENTIDADES CULTURAIS

**A FESTA DE SÃO JOÃO NO CLUBE RECANTO DA  
SAUDADE**

**IDAIANA ALMEIDA CUNHA**

GUARABIRA – PB  
2009

**IDAIANA ALMEIDA CUNHA**

**A FESTA DE SÃO JOÃO NO CLUBE RECANTO DA  
SAUDADE**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus de Guarabira, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em História, sob a orientação do Prof<sup>o</sup>. Ms. Fabrício de Sousa Moraes.

GUARABIRA – PB  
2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

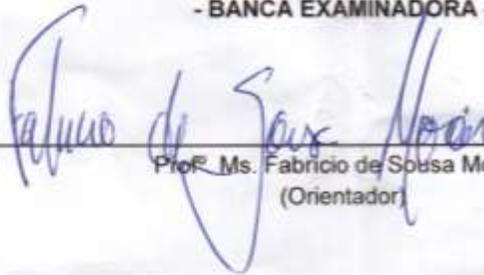
C972i	Cunha, <u>Idajana Almeida</u>  História e identidades culturais: a festa de São João no Recanto da Saudade / <u>Idajana Almeida Cunha</u> . – Guarabira: UEPB, 2009. 41. II. <u>Color</u> .  Monografia - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.  “Orientação Prof. <u>Ms. Fabrício de Sousa Morais</u> .”  1. História Cultural_2. Festa - Tradição 3. Memória <u>Título</u> .  22.ed.____CDD 907.2
-------	--



IDAIANA ALMEIDA CUNHA

**A FESTA DE SÃO JOÃO NO CLUBE RECANTO DA  
SAUDADE**

- BANCA EXAMINADORA -

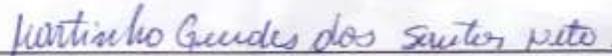


---

Prof. Ms. Fabricio de Sousa Morais  
(Orientador)

---

Prof. Ms. Mayrinne Meira Wanderley



---

Prof. Ms. Martinho Guedes dos Santos Neto

Aprovada em: 17 de Dezembro de 2009

Guarabira – PB  
2009



Dedico este trabalho aos meus pais Isauro e Maria Gorete, por não medirem esforços para que conseguisse concluir meus estudos.

As minhas irmãs Carla e Isabela, pela ajuda, paciência e incentivo na busca pelo conhecimento.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus pai e criador de todas as coisas, que ilumina nossas vidas e nos dá força e sabedoria na nossa caminhada.

A minha querida mãe Maria Gorete de Almeida Cunha e ao meu querido pai Isauro Tomas Cunha, agradeço a vocês responsáveis pela minha existência e pelo que sou.

As minhas irmãs Carla, Isabela, Rosenete e Isonete que me ajudaram durante esta caminhada, tirando as dúvidas que apareciam. Aos meus sobrinhos Pedro Henrique e Arthur Pierre pelos momentos de brincadeiras e afeto que me descontraíam.

Aos meus familiares (tias, primos e primas), que apesar de distantes estavam presentes em memória. Aos meus avôs Inês e Antônio.

Aos companheiros de turma, em especial Leniraldo, Palmira e Sirlaine pelo carinho e cumplicidade, a todos aqueles que ainda não concluíram, e os companheiros que concretizaram a caminhada e a realização de mais um sonho, a vocês que apesar dos desentendimentos e das dificuldades sempre estiveram presentes muito obrigada.

Aos meus amigos José Cunha Lima e André da Cunha Ferreira, pela verdadeira amizade, força e disponibilidade em todos os momentos em que precisei de ajuda.

A todos os funcionários da Universidade.

Aos professores que passaram durante o longo percurso e ajudaram na construção do saber, tirando dúvidas e trazendo informações. A todos os entrevistados, que foram fundamentais para construção deste trabalho, em especial

ao senhor Isauro Tomas Cunha. Em especial a minha querida professora Nayana Mariano que me ajudou na construção desse trabalho, como também ao meu orientador professor Fabrício, a vocês meu muito obrigada.

Quero morrer, que este mundo  
Com seu sarcasmo profundo  
Manchou-me de lodo e fel,  
Porque meu seio gastou-se,  
Meu talento evaporou-se  
Dos martírios ao tropel...

**Fagundes Varela, 1861.** In: Poesia

## **Resumo**

Este trabalho monográfico tem por objetivo analisar a festa de São João no Clube Recanto da Saudade, no município de Riachão – PB, no período compreendido entre 1980-1990. Procuramos refletir acerca da importância dada pela população local a essa tradicional festa. Ate-mo-nos em compreender o papel social e cultural exercido pelas festas populares em especial a festa junina na vida dos habitantes desta localidade. Utilizamos, para isto, fontes escritas e orais para compreendermos, de forma específica essa temática. Mediante relatos orais de pessoas idosas, foi possível entender que a tradição junina é um marco na vida dos moradores de Riachão. No transcorrer do trabalho desvendamos a origem da festa e sua relação com o cotidiano da cidade e dos moradores. Por este motivo, a temática festa se torna uma fonte de estudo indispensável para o historiador que se interessa, através da oralidade e auxílio das imagens, valorizar a história e a cultura riachãoense.

Palavras-chave: Festa, Tradição, Memória e Oralidade.

## Lista de Ilustrações

p.

Foto 01: Imagem do local onde designa o nome do Clube Recanto da Saudade (2009)..... 26

Foto 02: Desfile da quadrilha pela cidade de Riachão (1980)..... 28

Foto 03: Casamento matuto realizado no Clube Recanto da Saudade (1980)..... 30

Foto 04: Casamento matuto realizado no Clube Recanto da Saudade (1987)..... 31

Foto 05: Participantes da quadrilha no Clube Recanto da Saudade (1990)..... 34

Foto 06: Casamento matuto mirim realizado no Clube Recanto da Saudade (1990)..... 35

Fonte: Arquivo pessoal do senhor Isauro Tomas Cunha

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo I</b>	
1. Os movimentos festivos no Brasil.....	16
<b>Capítulo II</b>	
2. Memórias do Clube Recanto da Saudade.....	25
2.1. A festa de São João no Clube Recanto da Saudade.....	26
2.2. O São João no Clube Recanto da Saudade em 1980.....	27
2.3 O São João no Clube Recanto da Saudade de 1985 a 1990.....	32
<b>Considerações finais.....</b>	<b>36</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>40</b>

## **Introdução**

Diante da necessidade de trabalhos voltados à história regional, procuramos conhecer, entender e refletir acerca da história local e pensá-la como facilitadora da compreensão das práticas sociais e políticas num determinado espaço; sem desmerecer qualquer fator histórico que seja intrínseco ou não a cultura riachãoense, pois esta que é adjunta dos fatores que interferem em sua diferenciação, mas que pertence aos fenômenos históricos e culturais importantes da sociedade brasileira. Assim, analisamos as relações humanas proporcionadas pelas festas mediante seu papel de sociabilização dos indivíduos.

Neste contexto, o presente trabalho tem o objetivo de reconstruir e valorizar as memórias dos riachãoenses sobre as Festas de São João realizadas no Clube Recanto da Saudade, localizado no município de Riachão/PB, no período de 1980 a 1990; pois constatamos a pouca existência de registros escritos e até mesmo pesquisas sobre o assunto. Em detrimento de tal, ressalvo aqui minha ligação com o ambiente a ser estudado, pois que este é meu seio familiar tal qual me despertou a reconstruir historicamente seus momentos festivos e preservá-lo para conhecimentos de gerações futuras.

Analisando a questão de forma panorâmica, o que percebemos é uma forte e complexa tradição oral, na qual a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o ser humano pode atualizar impressões, informações passadas ou que ele representa como passadas. Através das narrativas podemos alcançar as memórias do passado, nesse caso, a dos personagens na sua maioria anônimos. Isso desperta nos historiadores o interesse em resgatar a memória na construção do saber, numa perspectiva de história popular (LE GOFF, 1996).

Dessa forma, a presente pesquisa está inserida na linha de pesquisa da História Cultural, que por sua vez proporciona a ampliação das fronteiras entre diversas áreas e, conseqüentemente, uma variedade de abordagens e fontes que levam a um leque de possibilidades de estudo. Segundo Burke, o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações, buscando tornar conhecida a maneira como, em diferentes lugares e contextos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Dessa forma, as representações do universo social são produzidas, e, assim podemos compreender as maneiras pelas quais as sociedades incutem seus valores, práticas, enfim, as suas concepções de mundo.

A história enquanto ciência humana nos permite extrair conhecimentos, através das experiências dos personagens populares envolvidos numa trama. As vivências humanas expressam o contexto histórico de cada época. As memórias são reflexos das lutas, dos sonhos, alegrias e tristezas de uma pessoa ou um grupo que de alguma forma faz a sua história.

Ao trabalharmos nesse contexto é de relevância destacar a ideia que sucinta o historiador a pensar na seguinte assertiva quando se depara com as memórias que serão seu instrumento de pesquisa:

O problema da influencia do historiador-entrevistador e da situação da entrevista sobre o depoimento da testemunha tem sido discutido. Mas é apenas razoável admitir que a crítica das testemunhas orais ainda não atingiu a sofisticação da critica de um documento, que os historiadores têm praticado durante séculos. (BURKE, 1992, p. 26)

Nesse sentido, a história oral torna-se um processo mútuo de conhecimento, onde são partilhados os registros das lembranças coletivas e evita-se que o ser humano perca suas referências. Fundamentada nas afirmações de Le Goff (1996), quando preservamos a memória coletiva, podemos encontrar valores, culturas e modos de vida que constituem a vida cotidiana da humanidade. O campo da memória se constrói a partir dos fatos que também se transformam em elementos

fundamentais da história. Mas, enquanto a memória reconstruir as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público ou vem à tona na sociedade, recebendo um recorte cultural, temático e metodológico, a partir do trabalho do historiador.

A memória individual (oral) associada à memória coletiva torna-se uma revisão, além de fazer uma autocrítica do passado, ressaltando os pontos favoráveis ou não da memória individual marginalizada pelas conjunturas oficiais. Estudar as memórias sejam elas orais ou escritas, coletivas ou individuais é resguardar o passado junto com os acontecimentos que marcam os papéis sociais de destaque, tais como: igreja, família, política e por último a população. Distribuída dessa forma, o evento estudado ganha forma e desperta “controvérsia” quando é analisado com o intuito de conservação das memórias (LE GOFF, 1996).

Apesar das transformações vividas pela humanidade, as festas se repetem de geração em geração, simbolizando a memória e trazendo ao conhecimento popular a sua origem. Na sua organização as festas religiosas obedecem a calendários criados pela Igreja Católica que representam e marcam datas.

Os festejos sagrados e profanos se repetem, trazendo consigo tradições, hábitos que giram e caracterizam um período de tempo, espaço, entre outros. Um exemplo destas manifestações são os festejos juninos comemorados a cada ano no Brasil com grande fervor, principalmente nas cidades nordestinas, onde algumas delas se destacam por durarem o mês inteiro. Dançando, pulando fogueira, saboreando as iguarias próprias da época, os frequentadores talvez não se deem conta que reencenam costumes trazidos pelos portugueses que aos poucos foram incorporados ao cotidiano dos brasileiros. Um dos primeiros relatos sobre as comemorações juninas é de autoria do padre Fernão Cardim, que numa missão jesuítica, entre 1583 e 1590, já constatou o gosto dos próprios nativos pelos festejos:

Três festas celebram estes índios com grande alegria, aplauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de São João, porque suas aldeias ardem em fogo, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. (CARDIM apud LIMA, 2005, p.62).

Os historiadores e historiadoras na análise destas manifestações culturais preocupando-se não só com a diversão que a festa apresenta, mas com a festividade enquanto fato histórico, onde se encontram vestígios de costumes, ritualizações, enfim traços não revelados claramente por uma sociedade.

Os festejos populares são fontes reveladoras de vários elementos construtores de uma sociedade, como: religião, modo de produção, comportamentos, mentalidades e outros aspectos. As tradicionais festas ligadas aos Santos e Santas da Igreja Católica são reveladoras de expressões culturais, e nos aspectos social e religioso entre outros elementos de uma cidade. Por isso, as autoridades administrativas e religiosas demonstravam preocupação com a massificação desses eventos, na perspectiva de que outras práticas viessem dominar o espaço e, as festas se afastassem dos padrões de moral e bom costumes definidos pela Igreja, colocando em risco a tradição cultural. Apesar de terem passado por transformações, devido a evolução da tecnologia e dos meios de comunicação de massa, as festas com seus espetáculos continuam reunindo multidões em torno do seu universo.

Quanto a estrutura do trabalho, este se divide em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda os movimentos festivos no Brasil e as origens das festas, em especial as festas juninas, enfatizando a Festa de São João. O segundo capítulo trata da importância mnemônica para reconstruir os acontecimentos e conseqüentemente a festa de São João no Clube Recanto da Saudade, no município de Riachão/PB, ressaltando a importância da mesma para os cidadãos riachãoenses.

Sabemos que o processo de formação das festas vem sofrendo transformações, com isso discutir tal problemática torna-se importante. Neste sentido, esta pesquisa é relevante para a História do Brasil, que tem como recorte a cidade de Riachão, visto tratar de um evento que fez parte da vivência da mesma, pois percebemos que as festas por sua vez, faziam com que as pessoas “parassem um pouco” para o descanso dos trabalhos corriqueiros do dia-a-dia, e para o divertimento em comum na comunidade.

Para tanto, nos aprimoramos da noção de festa como suplantação do indivíduo pelo coletivo. A festa, cerimônia pública regenera o social através da valorização dos indivíduos e, por extensão do grupo que parece fortificado, solidificando-se enquanto uma comunidade em contínuo processo de construção. Assim a Festa de São João aparece como ocasião de reafirmação de laços sociais, integrando nela os grupos ou a coletividade, representando simbolicamente o mundo e amenizando as suas tensões, na qual a diversão e a religiosidade estão lado a lado (ITANI, 2003).

Sabemos que história e memória estão interligadas, cada qual com sua função específica. No que diz respeito aos valores tradicionais de um povo, ambas se relacionam com o passado de forma específica. Portanto, esse “resgate histórico” através da memória individual ou coletiva se torna relevante para a história, uma vez que ambas necessitam uma da outra para se manterem vivas. Dessa forma, o conhecimento do passado, necessariamente tem na memória dos indivíduos algo precioso que deve e precisa ser valorizado pelos historiadores, bem como, pelos próprios indivíduos que compõem um grupo social.

Poderíamos argumentar que na verdade o testemunho oral seja ele coletado por gravação em fita ou pelas pesquisas de campo entre as tribos de almirantes e secretários de estado, está mais próximo da fonte principal. Ele é certamente vulnerável a problemas tão graves quanto aqueles que afetam as fontes documentais modernas, mas eles são diferentes. Ambos têm em comum o fato de poderem estar sujeitos a invenção da tradição, mas os problemas de má utilização dos dados orais são possivelmente mais fáceis de serem localizados e resolvidos (PRINS apud BURKE, 1992, p. 190)

Em detrimento de tal, esse conhecimento ainda está por parte de alguns “historiadores das sociedades modernas, industriais e maciçamente alfabetizadas – ou seja, a maior parte dos historiadores profissionais – em geral são bastante céticos quanto ao valor das fontes orais na reconstrução do passado” (PRINS apud BURKE, 1992, p. 163).

Por esse motivo a história oral é uma metodologia fundamental para podermos “reconstruir o passado” de forma crítica e analítica. Então, trabalhar a história de um povo tendo a memória como fonte precisa, se tornou constante nas universidades. A escrita tem a tarefa de nos auxiliar na compreensão e análise dos fatos passados através de documentos escritos. Entretanto, quando esses não são encontrados, o historiador recorrerá a outras fontes. Dessa forma, Jacques Le Goff (1976) vai afirmar que tudo esta relacionado ao ser humano, faz parte de sua história/memória. A memória histórica se diferencia de sociedade para sociedade, uma vez que, uma determinada sociedade terá na memória oral a essência de sua história, outras terão a memória escrita essencialmente na produção histórica. As entrevistas com as pessoas mais velhas serão essenciais para voltarmos ao passado vivido por elas, que tem muito a contribuir com a história, pois assim como os documentos escritos tendem a se perder no tempo, também as lembranças de nossos idosos correm o risco de finir se não forem valorizados como guardiões da memória.

A oralidade vem-nos a construir uma ponte de dialogo, na viagem entre o antes e o depois; digo isto por observar a diminuta valorização que esta fonte recebe por parte de alguns historiadores, estes se acorrentando, em sua maioria, a documentos escritos; essa assertiva nos remete ao que Gwyn Prins aborda e ao mesmo tempo critica:

Grande parte da critica dos historiadores orientados por documentos segue a linha de que a reminiscência das pessoas famosas esta facilmente propensa a autojustificativa conveniente *ex post facto*, e aquela das pessoas não importantes, a lapsos de memória. Seja em que caso for, a memória é sabidamente indigna de confiança e um teto inseguro quando comparada aos registros inanimados e imutáveis dos documentos, através dos anos em questão (PRINS, 1992, p.188).

## **CAPÍTULO I**

### **OS MOVIMENTOS FESTIVOS NO BRASIL**

A história cultural, em especial o estudo das representações, tem se firmado entre os historiadores que se interessam pela compreensão das sociedades humanas a partir da análise dos seus discursos, das suas idéias, imagens, versões, comportamentos e práticas que integram a complexa e dinâmica investigação cultural.

Nesse contexto a festa é de fato um marcante elemento constitutivo do modo de vida brasileiro. Se muita coisa “acaba em festa”, muita coisa também começa por ela. Portanto, a festa não pode ser vista, pelo menos no Brasil, como mera fruição, divertimento ou “válvula de escape” para as tensões acumuladas na vida cotidiana, embora também o sejam. Afinal, não se deve esquecer que as inúmeras festas brasileiras acontecem com fundamentos diferentes para os vários grupos que as promovem. É preciso, então, compreender de que festa se está falando, como é produzida, com que finalidades, qual o significado dela para os que a produzem e para o povo brasileiro em geral que, de fato, quantitativamente, realiza muitas festas, conforme se pode notar nos inúmeros calendários das Secretarias de Cultura e de Turismo dos Estados e Municípios brasileiros.

Logo, para entender os acontecimentos festivos atuais, precisamos buscar nas suas origens, as complexidades de organização e sua trajetória de crescimento. A festa é uma das manifestações coletivas mais antigas e vivas da humanidade. Ela está presente nos costumes de vários povos, como manifestações tanto populares como da elite, transmitidas e transformadas de geração a geração ao longo dos séculos. A festa é inaugurada como uma tentativa de atribuir ordem a momentos de

manifestação da natureza, de marcar o tempo no espaço, como passagem do ano ou nas mudanças de estações. (ITANI, 2003 p.11)

Podemos compreender a festa como núcleo aglutinador das sociedades. Se a vida social se fundamenta nas formas e estruturas dos diversos modos de produção, podem-se verificar as festas nas diferentes etapas da sociedade, desde as aldeias e comunidades tribais, passando pelas cidades-estado e as sociedades burguesas atuais. Ela constitui uma herança importante de definições e expectativas marcadas pelo costume. “As comemorações servem para cada povo recolocar no presente alguns eventos e acontecimentos que compõem a memória e a refazem constante e coletivamente” (ITANI, 2003).

Compreender a festa requer, nesse sentido, ver e sentir as representações e imagens materiais e mentais que a envolvem. Ao participar de uma festa religiosa ou de caráter religioso, o indivíduo está penetrando num tempo mítico que o fará sair de sua vida cotidiana, ao mesmo tempo em que o revigora, já que “apagará” nesse momento as amarguras do dia-a-dia, permitindo a renovação das esperanças de um futuro.

Quanto ao conceito de festa, não há uma exatidão a respeito, trata-se de um fenômeno complexo. Logo, concordamos com Del Priore (1994), ao afirmar que a palavra festa significa utopias, liberdade de vários grupos da sociedade e serve muitas vezes para ocultar a rotina de trabalho de uma sociedade, acrescenta ainda que a palavra festa pode expressar um momento de sentimento do povo, através da memória e da cultura. As festas e seus folguedos expressam sentimentos de nossa gente.

No Brasil, no período colonial, as festas tinham caráter de agradecimento a um santo (a) por uma graça ou um fato acontecido. Devido esta variedade, foram divididas em festas do Senhor e dias comemorativos (PRIORE, 1994). Começaram então a se misturar com outros ritmos populares, como por exemplo, os portugueses que incorporaram culturas e as diferentes expressões dos negros e índios. Com as transformações das festas religiosas, iniciaram-se outros tipos de comemorações. Surgiram vários elementos como as entradas das bandeiras e as procissões, que serviam para os colonos como um instante de apoio cultural e de obediência à Igreja

e ao poder divino. Esse tipo de festividade teve início na época do governo Tomé de Souza (1549), quando aqui chegou com os primeiros jesuítas. A partir de então, houve a irradiação dos festejos e iniciou-se o processo de catequese e pastoral no Brasil.

Quando nos reportamos às festividades religiosas dos tempos coloniais e comparamos com as festividades de hoje, percebemos a continuação da tradição, isto é, da relação entre os poderes religiosos e políticos, visto que se mantêm no Brasil o hasteamento das bandeiras do Estado, Município e Diocese. Um gesto repetido há séculos pelos respectivos representantes dos poderes instituídos. Neste momento há também toda uma estrutura por parte dos organizadores da festa, objetivando assim melhor comodidade dos participantes, onde as ruas eram totalmente iluminadas e bem estruturadas.

Além das bandeiras e das procissões, os carros alegóricos aparecem por sua vez nos festejos religiosos como um suporte para divulgar as concepções religiosas desejadas pela Igreja e destinadas à população. Tais carros ganharam ênfase no período barroco<sup>1</sup>. Como parte da festa do período colonial, existiam também as luminárias que eram feitas com panelinhas de barro ou cascas de laranja com azeite de mamona e uma mecha de algodão que se ascendia, sendo uma atração para o povo.

Surgem novos costumes e formas de diversão, logo se percebe a presença dos fogos de artifício, uma tradição vinda de Portugal no século XVIII. Os fogos eram utilizados com significados diferentes, tanto na abertura das festas, como no aspecto religioso e profano. Para melhor atrair os participantes das festas, a cada ano eram apresentados novos modelos de fogos que encantavam a população espectadora.

As festas ganharam novos ritmos, constituindo-se um exemplo da mistura das etnias com diferentes estilos, razão porque mulatos e negros ocupavam o mesmo espaço. Nesta perspectiva, Del Priore (1994) enfatiza que no Brasil colônia, as festas e as procissões eram motivos de divertimentos, fantasias e lazer.

---

<sup>1</sup> Movimento artístico ocorrido na Europa (aproximadamente dos fins do século XVI aos meados do século XVIII), caracterizado por uma atmosfera artística e cultural carregada de conflitos entre o espiritual e o temporal, entre o místico e o terreno. (FERREIRA, 1999 p. 274). Temos também que considerar o Barroco enquanto manifestação social.

Ao longo das transformações pelas quais as festividades passaram, vamos encontrar a presença dos negros nas mesmas, e a sua freqüência na festa representava o momento de mostrar sua cultura, seu valor e sua capacidade. Em virtude das festas serem espaços de sociabilidade, a sua presença passou a ser comum, pois os negros a perceberam como meio de integrar-se a sociedade. A festa era o momento de traçar novos caminhos, espaços e rituais para integrar as populações participantes da vida social.

Ao analisar José Ramos Tinhorão (2000), encontramos explicações referentes às festas no Brasil colônia. Para ele, esse período é marcado pelo aspecto de sociabilidade entre o Estado e o calendário religioso; é caracterizado pela presença da cultura européia e criam-se assim formas de organização coletiva de lazer na colônia portuguesa na América.

Lugar de sociabilidade, de circulação, de informações, de lazer, de suspensão das tensões, de revificação de tradições, de piedade católica e práticas mágicas, da ordem e da desordem, do controle e dos excessos, as festas religiosas coloniais foram palco da vivência da fé, como também momento de transgressão e um não excluía o outro.

Ao analisar o século XVI, é percebível que este foi marcado pela hierarquia do poder laico real sobre a terra “achada”. Para Tinhorão (2000), um dos principais fatos sobre este acontecimento é o relato deixado pelo escrivão da frota de Cabral, este é o retrato fiel da posição da elite e do povo em face do culto às imagens simbólicas supostamente comuns a todos.

Podemos assim dizer que aos poucos a cultura européia foi sendo incorporada, onde na tentativa de que o ensino se tornasse mais agradável, os jesuítas organizavam festas, procissões e até representações teatrais, dessa forma, conseguiram ter êxito no seu propósito religioso junto a alguns grupos indígenas.

De acordo com Tinhorão (2000), podemos citar que houve mistura da cultura indígena, onde os primeiros a serem atraídos pelos costumes europeus foram às crianças, e o instrumento para este fato foi o fascínio pela música.

As festas também fizeram parte desta atração, dentre elas os festejos juninos, onde no que se refere à festa de São João, afirma-se que era comemorada tanto no

campo quanto na cidade, tendo um caráter menos religioso do que a festa do Divino que foi trazida para o Brasil no século XVI, denominada Império do Divino, esta com o brilhantismo dos palanquetes, coretos armados para o assento do Imperador do Divino, este escolhido para presidir a festa onde gozava de direitos majestáticos, libertando presos comuns em certas localidades portuguesas e brasileiras. Para a organização da festividade havia a Folia do Divino, grupos de pessoas pedindo e recolhendo auxílios de toda espécie. A Folia constituía-se de músicos e cantores, como destaque a exibição da Bandeira do Divino, ilustrada pela pomba branca simbolizando o Divino Espírito Santo, recepcionada com grande devoção por toda parte. Essas Foliás percorriam grandes regiões, levando semanas ou meses inteiros. Essas festas vieram no “pacote colonizador” da América Portuguesa, dentro das relações entre o catolicismo europeu que foi gradativamente se misturando com os Cultos indígenas e africanos.

Podemos dizer que as festividades serviam para perpetuar antigas atitudes mentais e sentimentos explicitados na música, nas trovas e nas encenações teatrais. As festas de caráter religioso serviam para estimular a proteção dos santos, de entidades mágicas e de Deus, para cada um com suas famílias, afastando as forças demoníacas e as más influências, além disso, quebravam a rotina da vida colonial, em geral eram comunidades isoladas, mas irmanavam as diferentes classes sociais em momentos de prazer, favorecendo a solidariedade e amenizando conflitos.

No século XVII aconteceram vários fatores que interferiram no processo de organização e realização das festas no Brasil, entre estes, a participação da gente menos favorecida nas festas tornou-se mais frequente, antes elas não passavam de simples espectadoras e não tinham nenhuma relação com as festas locais.

Excluídas das festividades públicas, a população pobre encontrava nas procissões religiosas a única forma de se mostrarem como pessoas ativas. Foi a partir daí que se iniciaram as festividades realizadas nas ruas, assim como novas formas de diversões coletivas.

No decorrer do século XVIII, percebemos as festas com novos desfiles simbólicos, ou seja, os desfiles sobre as rodas de alegorias barrocas. Essa nova forma de evento público com os carros alegóricos se constituiu um antigo recurso de

levar as ruas as mais variadas encenações de caráter religioso ou meramente teatral.

Ao mostrar a importância desse novo evento para o Brasil, José Ramos Tinhorão (2000) se refere da seguinte forma: “[...] os desfiles barrocos da colônia brasileira vinham, na verdade transformar em espetáculo oficial as antigas criações portuguesas chamadas de “invenções”.

Podemos dizer que essas novas criações permitiram entender as exigências da modernidade e confirmar a ligação entre o clero e as camadas populares brasileiras.

A festa em si é uma ação de simbolização, na qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira. Nela se incluem tanto os ritos, as celebrações sagradas ou religiosas, como as comemorações políticas, eventos realizados com danças, músicas, brincadeiras, comidas e jogos (ITANI, 2003).

As festas foram por excelência, lugar de sociabilidade: um espaço que permitia tanto reafirmar laços de solidariedade quanto demarcar especificidades e diferenças entre os indivíduos e os grupos.

Festejar passa a integrar também as práticas coletivas de resistência, como parte da história e memória de certos povos e vários grupos sociais. Percebe-se que cada sociedade desenvolve suas festas como um ato que emerge de suas necessidades e que se realizam a cada momento com funções específicas; por isso, estão sempre em transformação (ITANI, 2003).

As Festas juninas ou Festas dos santos populares são celebrações brasileiras e portuguesas. Provenientes da Festa do sol, estas são realizadas no solstício<sup>2</sup> de verão, no Hemisfério Norte. Nelas, o elemento simbólico mais forte é o fogo, ao qual é atribuído, em diversas partes do mundo, um poder sagrado. Desde sua origem, havia o costume de acender fogueira, elemento aglutinador e central dessas festas (ITANI, 2003 p.66).

---

<sup>2</sup> Cada uma das duas datas do ano em que o Sol atinge o maior grau de afastamento angular do equador, no seu aparente movimento no céu, e que são 21 ou 23 de junho (solstício de inverno no hemisfério sul e de verão, no hemisfério norte) e 21 ou 23 de dezembro (solstício de verão no hemisfério sul e de inverno, no hemisfério norte). Dicionário Houaiss, 2001.

No Brasil, recebeu o nome de junina (inicialmente chamada de joanina, de São João), porque acontece no mês de junho. Além de Portugal, a tradição veio de outros países europeus cristianizados dos quais se oriundam as comunidades de imigrantes, esta festa ao ser introduzida no Brasil pelos portugueses logo foi incorporada aos costumes das populações indígenas e afro-brasileiras.

A importância social e cultural das festas juninas no ciclo anual da região Nordeste do Brasil é indiscutível. Nesta região, estas são as festas por excelência: é no São João que os migrantes retornam às suas cidades de origem e reencontram família, vizinhos e amigos.

No Brasil, de uma maneira geral, as festas juninas congregam as festas dos santos: Antônio, João e Pedro, que são vistos como três partes de um mesmo ciclo. Este tem início no dia 12 de junho (véspera de Santo Antônio) e termina no dia 29 do mesmo mês (dia de São Pedro), passando pelo dia 23 de junho, véspera de São João e momento do clímax do ciclo comemorativo.

A sociabilidade que se constitui em torno da festa pode ser compreendida a partir da natureza mesma das festas juninas, que não são uma festa de explosão dos sentidos e de frenesi como o Carnaval nem uma festa familiar e restrita como o Natal, que é uma “festa de família”. O São João é uma festa familiar, certamente, mas essa família se estende aqui aos amigos e vizinhos (CHIANCA, 1999).

A festa organiza-se pouco a pouco, desde o início do mês de junho, quando vemos aparecer os seus primeiros sinais, entre eles estão: o milho e seus alimentos derivados a decoração junina com, bandeirolas coloridas, balões chineses de papel, as fogueiras e a música “o forró”. Ao aproximarem-se os dias das festas juninas, os moradores separam alguns galhos e troncos de árvores que secam para serem queimados na fogueira do “seu” santo. A escolha pode recair sobre qualquer um dos três santos, mas embora seja o resultado de escolhas pessoais. A cidade fica mais iluminada e esfumaçada nas vésperas de São João, e essa predominância pode ser explicada pelo fato de São João representar o clímax do período junino (CHIANCA, 1999).

Enquanto música o forró é executado por uma base instrumental composta por um triângulo uma sanfona e uma zabumba. As músicas

são em geral, acompanhadas de letras de duplo sentido, ou textos de conteúdo romântico ou de dores de amores, mas o seu conteúdo é quase sempre sensual, suscitando a imaginação e a libido dos dançarinos. O forró é a dança mais espontânea do período junino, pois não obedece a nenhuma coreografia preestabelecida e pode ser dançado por um casal, a qualquer hora e em qualquer lugar. Ele também não é exclusivo do período junino, apesar de ser uma de suas principais referências, é dançado o ano inteiro (CHIANCA, 1999, p. 61).

Nas escolas, associações e nas ruas da cidade, jovens e crianças ensaiam a dança que marca o período: a quadrilha. Os mais velhos, que já ensaiaram muito quando jovens, se arriscarão nas quadrilhas improvisadas nas noites de festa.

Enquanto dança originária das Cortes européias, estamos diante de uma versão local e adaptada desta dança de salão. Assim, como numa contradança ela é dançada por pares alinhados em duas filas, uma diante da outra, que seguem os passos e figuras pré-estabelecidas, coordenadas por uma pessoa que dirige sua sequência, o puxador. Ainda hoje se escuta os ecos dos bailes da Corte Portuguesa, quando o puxador grita: anavantú! (enavant tous!), anarriê! (em arrière!), balancê! (balancez!). Geralmente, acompanhadas de música sem letras, elas tem os mesmos instrumentos do forró (sanfona, zabumba e triângulo), e sua duração espontânea é variável. (CHIANCA, 1999).

As quadrilhas podem também ser precedidas por um casamento matuto no qual se encena um casamento forçado de um matuto que teria engravidado uma matuta. O casamento ocorre com a presença de um policial (ou delegado), e do pai da matuta, além do padre e das famílias dos noivos e demais convidados. Enquanto encenam a celebração do casamento, através de um texto malicioso que leva a platéia às gargalhadas, o noivo é convencido das vantagens e aceita o matrimônio (sob a mira de um revólver do policial), mas sendo recapturado diversas vezes em tentativas desesperadas de fuga durante o casório. A quadrilha é precisamente a dança dos noivos com o conjunto dos convidados após a cerimônia religiosa do casamento.

O local onde ocorre a maioria dos festejos juninos é chamado de arraial, um largo espaço ao ar livre cercado ou não, onde barracas são erguidas unicamente para o evento, ou um galpão já existente com dependências já construídas e

adaptadas para a festa. Geralmente o arraial é decorado com bandeirinhas de papel colorido, balões e palha de coqueiro ou bambu. Nos arraiais acontecem as quadrilhas, os forrós e os casamentos matutos.

As festas são também um período de fartura. A culinária junina é bastante variada, destacando-se os pratos produzidos à base de milho, tais como a canjica, a pamonha, o bolo de milho e, naturalmente o milho assado e cozido.

As festas juninas podem ser verificadas em quase todo o país e comemoradas até pelos acatólicos. Essa é uma festa criada e apropriada, em diferentes formas, conforme os grupos sociais, produzindo cada qual seus significados e suas expressões (ITANI, 2003).

## **CAPÍTULO II**

### **MEMÓRIAS DO CLUBE RECANTO DA SAUDADE**

A chegada do mês de junho na maioria dos Estados do Nordeste do Brasil representa um período de festa e fartura. A alegria é pela colheita e pela chuva, que são aguardados o ano inteiro principalmente no sertão nordestino, como também pela realização dos festejos juninos nos vários Estados da região.

Mais do que o Carnaval, são as festas juninas que melhor refletem a forte identidade cultural entre os Estados; enquanto na maioria das cidades do interior nordestino as comemorações ainda guardam um aspecto familiar por concentrarem maior número de pessoas da localidade e da região vizinha. Alguns Estados como Paraíba, Pernambuco, Sergipe entre outros, apostam em mega eventos para atrair turistas de todo o país e gerar postos de trabalho. Campina Grande na Paraíba e Caruaru em Pernambuco, são as cidades que mais disputam entre si pelo título de maior São João do mundo. Estas apostam em mega estruturas, e nas apresentações das maiores bandas de forró, como também de grandes nomes do forró pé de serra, como Dominginhos, Dorgival Dantas, Flávio José, entre outros cantores e compositores de forró; estas também investem na diversidade de comidas típicas e em ambientes caracterizados para o lazer e a diversão de todos que procuram por um animado São João.

#### **2.1. A Festa de São João no Clube Recanto da Saudade**

Ao explorarmos a Festa de São João no Clube Recanto da Saudade, este que recebeu tal nomenclatura devido aos indivíduos que participavam dos festejos ao enfatizarem momentos importantes que marcaram suas vidas e que eram lembrados durante as festas, diante dos conhecidos; assim, tal qual o fundador do

Clube, o Sr. Isauro Tomas Cunha é um destes memorados e o instigou a “batizá-lo” com tal nome para fazer menção a tais recordações. O estudo do mesmo terá o enfoque no período de 1980-1990, pois verificamos o quanto a população desta cidade dá um relevante destaque a essa festa popular por fazer parte da história da mesma e pelo fato de ter marcado a vida social e religiosa dos cidadãos riachãoenses como também a pouca existência de fontes sobre este evento comemorativo.



**Foto 01:** Imagem do local onde designa o nome do Clube Recanto da Saudade.

**Fonte:** Residência do Sr. Isauro Tomas Cunha, 11-12-2009.

**Imagem:** Isabela Almeida Cunha.

O Clube Recanto da Saudade no município de Riachão foi fundado em 1980, este se iniciou em pequeno espaço da casa do senhor Isauro Tomas Cunha (1945, fundador), que aos poucos o ampliou chegando ao seu tamanho original, possuindo 400 m<sup>2</sup>. Inicialmente o Clube foi fundado como fonte de renda, pois o fundador havia

iniciado sua vida conjugal; como também pela necessidade de um ambiente para o lazer e a diversão dos habitantes deste município.

Logo quando o Clube Recanto da Saudade foi fundado eram comemoradas várias datas festivas, como o Carnaval, o Sábado de Aleluia, o São João e o Ano Novo, ou quando queriam festejar algo ou só se divertir os jovens procuravam o senhor Isauro, se organizavam e a festa era realizada. As festas cresceram, haviam frequentadores de várias localidades como Campo de Santana, Dona Inês, Araruna, Belém, João Pessoa, Natal-RN, dentre outras. Porém, com o passar dos anos as festas que predominaram foram o Carnaval, o São João e o Ano Novo, destacando-se os festejos juninos, pois era nesta época que aqueles que moravam em outras localidades retornavam as suas raízes e reencontravam seus familiares, amigos e vizinhos, isto fazia com que a cidade ficasse bastante movimentada.

Quando chegava o mês de junho a cidade era enfeitada e demonstrava clima festivo, havia a preparação de comidas típicas, pois no mês de junho é o período da colheita do milho, o que torna o mês de junho um período de fartura, com uma grande variedade de comidas, principalmente à base de milho, tais como a canjica, a pamonha, o bolo de milho e o milho assado e cozido (Isauro Tomas Cunha, 64 anos, entrevista realizada em 24-05-2009).

Percebemos na fala do Sr. Isauro as características atribuídas para determinado período – o junino – que está arraigado as festividades acontecidas na cidade juntamente a sua concepção de participante e organizador de tais festejos.

## **2.2. O São João no Clube Recanto da Saudade em 1980**

Através da oralidade buscamos reconstruir essa festa que teve grande importância na vida dos habitantes do município de Riachão. Logo quando se iniciaram as comemorações juninas no Clube Recanto da Saudade os participantes em sua maioria eram aqueles que residiam no próprio município, como também aqueles que moravam em cidades mais distantes e retornavam a terra natal neste período; estes ao chegarem na casa de seus parentes já organizavam seus pares

para participarem da famosa quadrilha; os homens usavam chapéu de palha, camisas de tecido xadrez e calçavam botas; as mulheres usavam vestidos floridos, lenços ornamentando o cabelo ou o pescoço, chapéu de palha e sandália rasteira. Em sua maioria os casais eram formados por namorados ou parentes.



**Foto 02:** desfile da quadrilha pela cidade de Riachão em 23/06/1988.  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Sr. Isauro Tomas Cunha

Para fazer a animação o som utilizado era a vitrola com o disco de vinil, como também a fita K7, pois não vinham conjuntos musicais, todavia na noite de São João para animar a festa estava presente o sanfoneiro Sebastião Doía, este reside no município de Nova Cruz – RN, e vinha a convite do Sr. Isauro (fundador) para animar a quadrilha. A festa iniciava sempre as 22h00min, os participantes levavam as bebidas e comidas, principalmente milho verde para assar na fogueira, esta era feita em frente ao Clube, e queimava durante toda a noite. Para trazer o sanfoneiro era cobrada uma pequena taxa na portaria, mas apenas os homens pagavam. O sanfoneiro tocava durante boa parte da noite e em seguida a vitrola continuava a

tocar e a festa durava até o dia amanhecer. As músicas que predominavam eram as de Luiz Gonzaga, Assisã, Flávio José e o famoso arrastapé.

Ao bater a meia-noite todos se preparavam para a realização do casamento matuto, no qual o padre que comandava a cerimônia era o Sr. Isauro, o fundador e organizador do evento.

Sempre no dia da festa a cidade ficava mais movimentada e bastante animada, havia aquela ansiedade pelo início dos festejos juninos e principalmente pela apresentação da quadrilha e do casamento matuto; estes eram aguardados com muita expectativa por todos, eram as atrações da noite de São João (Maria Aparecida Aquino de Brito, 42 anos entrevista realizada em 23-05-2009).

Deparamo-nos a seguir com uma imagem que vem a designar o depoimento da entrevistada, sendo uma forma de registrar as eventualidades comemoradas. Percebemos então a importância mnemônica e iconográfica para reconstruir tais eventos que fizeram parte da vivência de personagens.



**Foto 03:** Casamento matuto realizado no Clube Recanto da Saudade. Riachão, em 23-06-1980.

**Fonte:** Arquivo pessoal do Sr. Isauro Tomas Cunha.

Foi a partir destas festas que muitos jovens começaram a namorar, como descreve os entrevistados:

Comecei a frequentar as festas do Clube, pois não havia outro ambiente para se divertir, era um local familiar que todos frequentavam, foram nessas festas que conquistei minha namorada e somos casados até hoje. (Josevando Cunha Mota, 42 anos, entrevista feita em 29-05-2009).

Com essa informação percebemos que nesse período a diversão era majoritária através das festividades acontecidas no Clube Recanto da Saudade. As festas sempre eram divulgadas pelo 'diz que me disse', não havia cartazes, nem autofalante ou carro de som anunciando (Isauro Tomas Cunha, 64 anos, entrevista feita em 09-12-09).

A comemoração do São João acontecia sempre em véspera, ou seja, dia 23 de junho, com grande adjunto de gente sempre na expectativa de dançar a quadrilha; não tinha roupa específica, todos vinham a seu gosto, mas usando aquelas roupas coloridas, em xadrez; os homens vinham com chapéu de palha, calças a seu gosto, camisas de mangas compridas; as mulheres usavam vestidos floridos, com diademas enfeitados; todos que participavam vinham no estilo junino pra dançar, brincar, namorar, beber, o intuito era mesmo a diversão (Isauro Tomas Cunha, 64 anos, entrevista feita em 09-12-09).

Para percebermos qual tão a importância desses eventos que os mesmo foram registrados não somente em memória, mas em fotografias que respaldam a alegria dos que ali se faziam presentes. Em suma, configura-se como registro de momento que ficará resguardado e facilitará a recordação bem como a oralidade.

Tem-se uma pequena imagem registrando o momento "mais esperado" dos convidados, no qual despertava "alegria e euforia".



**Foto 04:** Casamento matuto realizado no Clube Recanto da Saudade. Riachão, em 23-06-1987.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do Sr. Isauro Tomas Cunha.

Compreender essas comemorações é entender o acontecido, seu significado, isto é, a real importância desses fatos que ficaram intrínsecos na comunidade, em especial na lembrança dos indivíduos que participavam ativamente desses festejos. Por natureza, atribui-se a isto o valor cultural local no que se remete a sua maneira de representação característica de dado momento, pois mesmo a festa junina celebrada em especial no Nordeste terá suas especificidades em cada cidade que a comemore, aqui ressaltamos os atributos característicos da festa junina riachãoense no período que lhe foi datado.

### **2.3. O São João no Clube Recanto da Saudade de 1985 – 1990**

A partir do ano de 1985 a festa e sua estrutura estavam mais organizadas no que diz respeito ao som, que era mais potente, com mais caixas aumentando sua sonoridade; nesse período quem fazia os shows era o cantor Robertinho, natural da cidade de Natal/Rio Grande do Norte. Assim, ao passar dos anos a festa foi sendo mais conhecida e divulgada por aqueles que se deslocavam de outras cidades (Isauro Tomas Cunha, 64 anos, entrevista feita em 09-12-09).

A modernidade chega ao interior com a participação e contato com outras pessoas, isto se afirma no que o fundador do Clube ressalta quando diz que:

Comecei a organizar melhor a festa para que todos ficassem bem acomodados e se divertissem a vontade, pois a cada ano aumentava os participantes; com o pagamento que recebia daqueles que vinham para a festa eu retirava o valor referente ao pagamento do cantor e tinha também um bar, onde a bebida renderia o lucro pra mim. (Isauro Tomas Cunha, 64 anos, entrevista feita em 09-12-09).

Com a passagem do tempo e a chegada da modernidade a cidade se preparava para realizar sua primeira eleição municipal em 1995 e torna-se emancipada do município de Araruna. Apesar da eleição só ocorrer no ano de 1995 os candidatos faziam-se presentes no município nas datas comemorativas, principalmente no mês de junho, pois era nesta época que todos os munícipes retornavam ao seio familiar.

Então para se fazerem conhecidos os candidatos realizavam festas em praça pública com conjuntos musicais de melhor estrutura, pois realizando festas gratuitas, as comemorações juninas no clube teriam considerável diminuição, este sendo um dos meios encontrado pelos políticos ligados ao partido da família Viana para atraírem os festeiros e para que o senhor Isauro se sentisse ameaçado já que ele não manifestava intenção partidária e não fazia jogo político, sendo o mesmo muito conhecido e com considerável influência no município, no tocante a amizades e a votos.

Este foi o meio utilizado pelos adeptos do partido (PMDB) do qual fazia parte a família Viana para “sufocar” e acabar com as festas no Clube Recanto da Saudade, pois a fonte de renda do Sr. Isauro (fundador) era através das festas realizadas no Clube, onde a retração dos participantes e a diminuição do rendimento em espécie<sup>3</sup> foram alguns dos principais motivos para que as mesmas retrocedessem; os participantes foram ficando escasso o que culminou com o fim das festas e o fechamento do Clube Recanto da Saudade em 31-12-1995.

As festas eram muito participativas, momentos de encontros e reencontros, foram momentos que ficarão guardados para sempre na memória de todos que participaram e vivenciaram aqueles momentos de lazer, euforia e emoções (Isauro Tomas Cunha, 64 anos, entrevista feita em 24-05-2009).

Chegamos a conhecer por meio desse estudo uma breve analogia destes festejos no qual ressalvamos a mudança estrutural e financeira com o passar dos anos, pois deparamo-nos com determinada cidade que antes não emancipada tinha suas festas “particulares” no Clube Recanto da Saudade com vitrola e fitas k7 e após sua emancipação política adquiriu outros contrastes no qual se destaca a prefeitura patrocinando festas gratuitas com grupos e equipamentos mais estruturados. Essas mudanças acabaram por modificar a cultura festiva da cidade de Riachão, isto é, no sentido de serem antes mais familiar e reservada e agora serem mais “abertas” a todo e qualquer publico.

Segue em anexo algumas imagens dos momentos em que eram realizadas as comemorações, especialmente as que concernem à quadrilha e ao casamento matuto, ambos eram os destaques da festa do Clube Recanto da Saudade.

---

<sup>3</sup> Dinheiro.



**Foto 05:** Participantes da quadrilha no Clube Recanto da Saudade de Riachão, em 23-06-1990.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do Sr. Isauro Tomas Cunha.



**Foto 06:** Casamento matuto mirim realizado no Clube Recanto da Saudade. Riachão, em 23-06-1990.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do Sr. Isauro Tomas Cunha.

## Considerações Finais

Com a realização deste trabalho vimos o quanto às lembranças guardadas na memória das pessoas entrevistadas são “dávivas”, principalmente para os próprios entrevistados que se emocionam e se divertem lembrando-se da “vida passada”. Para o historiador a memória se torna fundamental na análise das transformações ocorridas na sociedade, bem como para se compreender o desenvolvimento e a modernidade que acarretam nas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais.

De fato percebemos qual o valor do ofício do historiador em analisar os fatos minuciosamente, pois seria errôneo corroborar que o “dever do historiador seria de apenas descrever e, talvez, explicar por que as coisas ocorreram no passado. Esta é uma justificativa, mas não suficiente” (PRINS apud BURKE, 1992, p. 198).

A história oral prioriza a memória para auxiliar nessa difícil tarefa da escrita historiográfica. Dessa forma, a memória torna-se um canal para não só reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências de outrora. Partindo desse pressuposto percebe-se que a “tradição é uma continuidade histórica, especialmente nas culturas orais”.

As mudanças históricas aceleradas e conseqüentemente a divisão de classes, criaram uma serie de rupturas nas relações entre os homens e na relação entre os homens com a natureza, em que o sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. A tradição popular é um exemplo “vivo” da importância da memória de um povo, como forma de perpetuação de algo vivido, mesmo sofrendo as transformações do mundo atual. Decerto, as festas populares contribuíram de forma significativa com a continuação da tradição religiosa popular, com seus ritos e significados míticos.

Ao analisarmos a festa de São João realizada no Clube Recanto da Saudade no município de Riachão foi possível percebermos a influência desta festa na vida social, política e religiosa do povo desta cidade, proporcionando de certa forma uma compreensão acerca do fato vivido. Percebemos que a população ao se lembrar da festa de outrora, deseja que o hoje seja igual. Dessa forma, constatamos que o “resgate” histórico terá na tradição de um determinado grupo social, um canal por onde fluem as lembranças “vivas do passado”, à medida que tal tradição contribuirá

para perpetuação de algo vivido. Através do presente, podemos reconhecer e interpretar o passado; não podemos esquecer que as reflexões e dúvidas sobre o passado são resultados do que é vivido hoje, das nossas angustias e descobertas atuais, das continuidades e discontinuidades.

Elucidando esse fato PRINS (1992, p.198) vai dizer que:

É para essas partes vitais da tarefa do historiador que a história oral – tradição e reminiscência, passado e presente – com seu detalhe, sua humanidade, frequentemente sua emoção e sempre seu muito desenvolvido ceticismo com relação a todo o empreendimento historiográfico – é principalmente dirigida. Sem acesso a tais recursos, os historiadores das sociedades modernas, maciçamente alfabetizadas e industriais, ou seja, a maior parte dos historiadores profissionais, vão consumir-se em um poço de compreensão circunscrito por sua própria cultura, como amantes abandonados colocados sob círculo de luz tremulante de um poste isolado em uma rua escura e varrida pelo vento (apud BURKE,1992).

Realizamos este estudo sobre a Festa de São João no Clube Recanto da Saudade abordando as questões sociais, políticas e religiosas das festas. Auxiliados pela história oral, baseamo-nos através de relatos orais de pessoas idosas, jovens e do próprio fundador do Clube, o Sr. Isauro Tomas Cunha, estes contribuíram bastante com suas informações e lembranças preciosas. Através dessas lembranças sobre a festa junina, realizada neste município verificamos o quanto a tradição popular é forte e “viva” na vida das pessoas.

As festas populares são demonstrativos dos valores culturais, políticos, éticos e sociais dos povos através dos tempos. Com várias significações são um misto de rituais que caracterizam ou diferenciam um e outro evento. Abrangem dentro do seu universo um leque de significados e simbologias, como tradição, revolução, ideologias políticas e religiosas, entre outros valores existentes em uma sociedade. Promotoras de euforia e lazer as festas são uma espécie de prêmio e recompensa pela árdua rotina de trabalho. A diversão promovida pelas mesmas concentram em um só espaço as mais variadas formas de expressões e práticas, as quais variam

nos seus aspectos. Sejam as festas populares ou não, estas reúnem multidões movidas pelo desejo de viver ou reviver momentos de alegria, lazer e liberdade.

Independente de etnia, credo, ritos, as festas significam alegria, euforia, esperança entre outros elementos promotores de lazer e entretenimentos. Atravessam o tempo despertando a curiosidade, interesse e satisfação da população por desfrutarem de momentos de magia, em que a fantasia circunda o cenário festivo e permite fugir da realidade cotidiana. As festas fazem parte não só da realidade, mas também da memória dos povos que vivenciaram-na em outra época, lembranças que ajudam historiadores e outros pesquisadores a desvendarem seus mistérios e significados.

## Bibliografia

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. (Biblioteca Básica).

\_\_\_\_\_. **O Que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1974.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A Festa**. In: Vivência. Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. Natal, vol. 13; nº1 – Jan./Jun. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. V. 01.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 4ª ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. **História: novos objetos**. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Pulando a Fogueira**. Nossa História. Ano 2 / nº. 20, pág.62-65, 2005.

MORAIS, Fabrício de Sousa. **As Festas da Nação**: civilização e estratégias de poder nas comemorações do centenário da Independência do Brasil. João Pessoa, 2007.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_. **Música Popular um Tema em Debate**. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

## **Entrevistados**

Carla Katiane de Almeida Cunha, 29 anos. Entrevista realizada em 10-08-2009.

Isabela Almeida Cunha, 20 anos. Entrevista realizada em 11-07-2009.

Isauro Tomas Cunha, 64 anos. Entrevista realizada em 24-05-2009 e 10-12-2009.

Inês Almeida Cunha, 87 anos. Entrevista realizada em 26-05-2009.

Josevando Cunha Mota, 42 anos. Entrevista realizada em 29-05-2009.

Maria Aparecida Aquino de Brito, 42 anos. Entrevista realizada em 23-05-2009.